

# STEVE JOBS E O VELHO NESTOR

RUBENS NEIVA

**S**teve Jobs foi responsável por tantas revoluções que tão logo saiu da vida já o introduziram na história como uma espécie de Henry Ford, o cara que barateou o carro que produzia, inventando a linha de montagem e legando a eficiência para a indústria do século XX. É a história quem decide os nomes que irão se perpetuar.

Qualquer prognóstico feito na emoção da morte pode ser contrariado pelo tempo, mas Jobs tem méritos suficientes para ser lembrado por algumas gerações. Não só por ter popularizado o computador pessoal por meio de uma interface gráfica amigável, marcando o início da nova economia e de todas as outras revoluções que estavam por vir, mas principalmente, por ter criado a figura do empresário *mega-star*, elevando sua imagem pública a uma dimensão quase mitológica.

As reações dos fãs de Jobs contribuem para sustentar o mito. Steve Wozniak, xará e parceiro na fundação da Apple, comparou a morte do colega à morte de John Lennon. Comparação estranha, mas as velas virtuais que queimavam nos *iPads* ao redor do mundo não pareciam ter menos calor do que as velas depositadas pelos fãs do ex-Beattle no Central Park. O que se fala da vida de Jobs prima pelo caráter *pop*, muito diferente do que se fala da vida sisuda de outros grandes executivos, só publicado (quando publicado) nas editorias de economia dos jornais e revistas.

O fato de a empresa ter sido montada na garagem da casa não contribuiu ape-

nas para fazer brilhar a aura do *self made man* americano, realçou também o caráter *pop* do empreendimento, afinal, quantas bandas de rock não surgiram de ensaios em garagens?

Além disso, o currículo deste astro global da nova economia possui dramas que ajudaram a colorir sua história: vendeu uma Kombi para fundar a Apple, se demitiu da empresa que ele mesmo criou, retornou triunfante e tornando a Apple ainda mais forte... Depois, a luta contra o câncer e o martírio final.

Mas como tudo isso se relaciona com a agropecuária, talvez, a mais sólida representante da velha economia? Difícil é apontar algo que não se relacione. Três décadas atrás, energia elétrica era artigo de luxo nas fazendas brasileiras. Telefone, então, praticamente inexistia. Hoje, não se concebe uma propriedade produtiva sem a presença de um computador, Internet e, no mínimo, um software de gerenciamento.

Jobs está levando consigo para um mural da história a "velha economia". Em pouco tempo, só restará o novo. Nenhum outro modelo de produção irá sobreviver longe do espectro da revolução digital e de seus executivos *pop-stars*.

Além de Jobs, Bill Gates, Mark Zuckerberg, os fundadores do Google ou do YouTube podem nunca ter visto uma vaca de perto, mas merecem, no mínimo, uma menção honrosa impressa

na porteira de cada fazenda por tudo que contribuíram para o aumento da produtividade no campo.

E a revolução não é observada apenas na presença de hardwares e softwares, chips de rastreabilidade ou de ordenhadeiras mecânicas ricas em dispositivos eletrônicos, que contabilizam a produção de cada vaca. A verdadeira revolução é impalpável, surge como uma nova consciência e contamina o campo com uma onda de informações e conhecimentos.

\*\*\*

**N**estor, produtor de leite "das antigas", ficou preocupado quando o neto disse que iria informatizar a fazenda. Ele já tinha problemas demais com a administração, o controle zootécnico, mastite subclínica etc. – Esse negócio de computador é história de garoto que não tem o que fazer – dizia Nestor para dona Matilde, que, em segredo, ia incentivando o projeto do neto.

Quando os equipamentos de informática chegaram, Nestor ficou irritado com toda a quantidade de equipamentos e fios, mas principalmente com a conta:

– Com esse dinheiro eu compraria no mínimo quatro vacas! Quatro boas vacas! – e a dona Matilde ali, tentando remediar.

Os técnicos fizeram buracos, trançaram fios, conectaram cabos, e o Nestor, só olhando. O neto até que ten-

tava explicar para o Nestor como a coisa iria funcionar: o computador receberia todos os dados da ordenhadeira, que alimentariam um programa, que faria o gerenciamento de toda a produção, que... Mas o Nestor nem dava ouvidos.

Quando viu um dos computadores instalados na sala de ordenha, quase caiu para trás:

– Quer dizer que agora o pessoal da ordenha também vai ficar brincando no computador?! – bradou Nestor. E a Matilde ali, pensando numa forma de dizer a ele que precisaria pagar um curso de informática para o pessoal da ordenha.

Apesar da birra do Nestor, os computadores foram instalados e alguns trabalhadores da fazenda foram capacitados para operar os terminais. O neto administrava os dados da fazenda e convenceu o avô a fazer alguns ajustes na propriedade.

Em pouco tempo, a produtividade melhorou, e o Nestor, que gastava boa parte do dia com as anotações da fazenda, passou a ter menos trabalho, já que todos os dados eram lançados e contabilizados eletronicamente. Com tempo de sobra, Nestor utilizava a Internet para se informar a respeito da atividade, acompanhava cotações, comprava insumos...

A última vez que o Nestor foi visto estava criando um grupo de discussão no Facebook, sobre qualidade do leite.



Rubens Neiva é jornalista e assessor de imprensa da Embrapa Gado de Leite, de Juiz de Fora-MG.

261